# Princípios lógicos\* - 08/06/2019

A teoria do conhecimento de Russell aborda os princípios de inferência  
(considerados óbvios) que são aliados do princípio de indução na tentativa de  
validar a experiência e que possuem graus de certeza similares aos dados-dos-  
sentidos. Ele nos recorda que princípios lógicos partem de \_casos particulares  
para leis gerais\_ , assim como a aritmética (“2+2=4”, “a+b=c”, etc.) e que há  
um tipo de implicação geral: \_“whatever follows from a true proposition is  
true”\_ que, se parece trivial, deve ser investigada pelo filósofo. Ele enumera  
exemplos de tais princípios lógicos classificados como “Leis do Pensamento”:  
  
\_(1) The law of identity: 'Whatever is, is.'\_  
  
\_(2) The law of contradiction: 'Nothing can both be and not be.'\_  
  
\_(3) The law of excluded middle: 'Everything must either be or not be.'\_  
  
Investigando a história, Russell aponta para a distinção entre empiristas  
(Locke, Berkeley e Hume) e racionalistas (Leibniz e Descartes) tomando partido  
dos segundos: para os empiristas todo conhecimento vem da experiência, já os  
racionalistas admitem ideias inatas (entre as quais Russell inclui os  
princípios lógicos), base do conhecimento. Ideias inatas são referidas por  
Russell pelo termo \_a priori\_ : algo que não vem da experiência, mas é base  
para ela. Por outro lado, de acordo com Russell, os racionalistas erram ao  
propor conhecimentos que podem ser deduzidos independentemente da experiência.  
Ele enfatiza que todo conhecimento de algo existente é empírico, ou seja,  
provém da experiência, direta ou indiretamente. Então, conhecer o que existe  
envolve dados-dos-sentidos e sem eles há somente um conhecimento  
hipotético.[i]  
  
Russell cita como conhecimento \_a priori\_ , mas não lógico, o valor ético. São  
julgamentos que consideramos valorosos não por um fim útil, mas por nossa  
própria conta, independentemente da experiência. Tais julgamentos éticos,  
p.ex., felicidade ao invés de tristeza, etc., não podem ser provados pela  
experiência, pois \_é impossível deduzir o que deveria ser do que é\_ , embora  
sejam aplicados na experiência. Ponto crítico, a matemática é para Russell \_a  
priori\_ e um princípio geral que pode ser pensado abstratamente, embora os  
empiristas considerem um conhecimento por indução: ver muitas vezes duas  
coisas juntas somando quatro, etc. Assim como as propriedades do triângulo que  
podem ser tiradas de apenas um triângulo, do particular direto ao geral. Na  
aritmética, “2+2=4” tão logo se evidencie a verdade dessa proposição não  
precisa ser reiterado na generalização da experiência, pois já atinge grau de  
certeza. Russell usa o famoso exemplo dos “outros mundos possíveis”: mesmo que  
existam outros mundos é inconcebível que a soma “2+2” não seja sempre “4”,  
isto é, não é um fato que pode mudar.  
  
Russell então compara: 1.) um conhecimento factual "Todo homem é mortal" que  
necessita de muitos exemplos (generalização empírica) de que todos morremos  
para termos certeza com 2.) o conhecimento lógico matemático do tipo “2+2=4”  
que requer apenas um exemplo para ser tomado como certo para reabilitar a  
possibilidade do conhecimento dedutivo (do geral ao particular). P.ex., Pedro  
e João somados a Paulo e Celso somam quatro homens embora não os conheçamos,  
mas ele rechaça o argumento dedutivo clássico: “Se todo homem é mortal;  
Sócrates é homem; Sócrates é mortal” mostrando que dependeria de um  
conhecimento indutivo de Sócrates para convencer de maneira mais clara.[ii]  
Nas palavras do filósofo:  
  
This illustrates the difference between general propositions known a priori,  
such as 'two and two are four', and empirical generalizations such as 'all men  
are mortal'. In regard to the former, \*\*deduction is the right mode of  
argument\*\* , whereas in regard to the latter, \*\*induction is always  
theoretically preferable\*\* , and warrants a greater confidence in the truth of  
our conclusion, because all empirical generalizations are more uncertain than  
the instances of them.[iii]  
  
Russell, então, nos avisa que investigará como é possível o conhecimento de  
proposições \_a priori\_ (lógica, matemática pura, ética) e de proposições  
gerais, onde há casos infinitos de análise, recorrendo ao nobre Kant.  
  
   
  
\* \* \*  
  
   
  
(\*) Bertrand Russell, Problems of Philosophy. ON OUR KNOWLEDGE OF GENERAL  
PRINCIPLES. Acessado em 31/05/2019:  
[http://www.ditext.com/russell/rus7.html](http://www.ditext.com/russell/rus7.html).  
Ver o seguinte fichamento e os anteriores:  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2019/05/sobre-inducao.html>.  
  
[i] Percebemos que ao longo da investigação Russell mantém seu compromisso com  
dados-dos-sentidos.  
  
[ii] Um silogismo é um termo filosófico com o qual Aristóteles designou a  
conclusão deduzida de premissas, a argumentação lógica perfeita. É um  
argumento dedutivo constituído de três proposições declarativas (duas  
premissas e uma conclusão) que se conectam de tal modo que, a partir das duas  
primeiras (as premissas), é possível deduzir uma conclusão.  
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Silogismo>, acessado em 8/6/2019.  
  
[iii] Nota-se a concordância de Russell com a lógica indutiva moderna em  
detrimento da dedução dos gregos.